

**A estética dos discursos de dor:
análise da repercussão de fotos e vídeos no *Instagram* de Nara Almeida**

***The aesthetics of pain discourses:
analysis of the repercution of fotos and vídeos on Nara Almeida's Instagram***

Tainá CAVALCANTE¹
Nathália de Sousa FONSECA²

Resumo

Neste trabalho, investigamos o processo de interação no perfil do Instagram de Nara Almeida. Analisando a experiência estética suscitada em seu perfil, buscamos desenvolver uma comparação das interações entre as fotos nas quais ela se mostra debilitada por conta do adoecimento oncológico e as fotos em que aparenta melhora. Como resultado, nossa investigação concluiu que quanto pior seu estado de saúde, mais interações ocorrem na publicação, dado que buscamos interpretar à luz do diálogo com o conceito honnethiano de reconhecimento intersubjetivo (HONNETH, 2003).

Palavras-chave: Estética. Instagram. Dor. Nara Almeida.

Abstract

At this work, we investigate the processo of interection on Nara Almeida's Instagram profile. Analysing the aesthetics experience raised on its profile, we look develop a comparation between the interactions on the pictures in witch she shows herself as debilitate by the cancer illness and that in wich she looks better. As result, our investigations concludes that how much worse is Nara's heath state, more interections occur on the post, data that we seek to interpret in light of the dialogue whith the honnethian concept of intersubjetive recognition (HONNETH, 2003).

Keywords: Aesthetics. Instagram. Pain. Nara Almeida.

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Linguagens e Cultura da Universidade da Amazônia (PPGCLC/UNAMA). Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Ensino Superior (CAPES). Email: taicavalcantee@gmail.com

² Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Linguagens e Cultura (PPGCLC/UNAMA). Integrante do Grupo de Pesquisa Comunicação, Política e Amazônia – COMPOA (UFPA/CNPq). Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Ensino Superior (CAPES). Email: s.nathaliafonseca@gmail.com

Introdução

Os estudos que se debruçam sobre as interações que ocorrem no ambiente online têm se segmentado em diferentes linhas de pesquisa, indo desde a análise das formas de ativismo digital, passando por práticas de consumo, até os movimentos de *fake news* ou os estudos de memes. Entre esses possíveis caminhos analíticos, se encontram os estudos acerca da maneira como o luto se manifesta no espaço digital. É nesse *gap* de estudos que nos incluímos ao propor a análise da experiência estética mediada pela publicação das fotos no Instagram de Nara Almeida – influenciadora digital que alcançou maior visibilidade após descobrir-se paciente oncológica e passar a compartilhar suas experiências de tratamento no perfil da referida rede social.

Como motivação tal pesquisa, nos inquietou o interesse de compreender a forma pela qual a experiência estética é mediada por relações de reconhecimento que interpelam a regulação do luto: como os seguidores da Nara reagem quando ela publica foto ou vídeo que expressa melhora de seu quadro? E de que forma interagem diante da expressão de sua dor?

Como procedimento de coleta, optamos pela coleta de duas publicações, a saber: (i) uma publicação em que Nara afirma ter passado por uma cirurgia que ocorreu com sucesso e (ii) uma publicação após ter tomado conhecimento de um diagnóstico negativo.

Realizamos a escola a partir de uma foto e um vídeo que geraram engajamento afetivo dos seguidores, ambas situações marcantes em seu processo de adoecimento. A primeira, com potencial emotivo positivo, demonstrava uma situação de felicidade: uma cirurgia bem sucedida, que alargava suas possibilidades de cura; a segunda, em contrapartida, mobilizava comoção ao relatar uma experiência de dor após o diagnóstico médico de complicação em seu quadro, que lhe impossibilitava a cura, além de tumor espalhado para outros órgãos.

Apesar de comoções diferentes, ambas foram significativas para o crescimento do perfil da modelo que se tornou exponencialmente conhecida ao passar a compartilhar seu adoecimento oncológico. Por se tratar de suas situações marcantes, e significativas no processo do adoecimento de alguém, escolhemos as postagens como modo de

representação de todo o conteúdo exposto no perfil – que dialogava, sempre, entre felicidade por uma melhora no estado de saúde e tristeza, quando o quadro invertia.

Contextualizando

A mudança nas estruturas tecnológicas faz com que novos padrões de interações passem a surgir na sociedade. Na interface das redes, assuntos começam a obter voz e temáticas que antes não eram debatidas ganham espaço nos eixos de discussão. Com o advento das redes sociais, o compartilhamento de informações, de experiências e de relatos tornam-se cada vez mais recorrentes. Por meio das sociabilidades *online*, as mídias sociais transformam-se em elos entre pessoas e discursos, suscitando uma nova configuração de interação social.

Segundo Recuero (2005), as redes sociais têm se configurado como um enorme conglomerado que reúne comunidades virtuais. A autora define como comunidades virtuais os "agrupamentos humanos presentes no ciberespaço³" que possibilitam uma comunicação mediada pelo sistema de computadores. A introdução desse novo estilo de comunicação faz com que assuntos até então restritos a conversas íntimas, entre atores normalmente conhecidos, extrapolem fronteiras entre o público e o privado e passem a atingir um número incontável de sujeitos. Sobre isso, Lemos (2002) alega que por meio da Cibercultura a vida comum transforma-se em algo espetacular, compartilhado por milhares de pessoas, sem precisar, de fato, de um evento fora do comum. Segundo o autor, na dinâmica do ciberespaço, não é necessário haver história, aventura ou enredo para que a vida cotidiana seja compartilhada e consumida.

A vida privada, revelada pelas webcams e diários pessoais, é transformada em um espetáculo para olhos curiosos, e este espetáculo é a vida vivida na sua banalidade radical. A máxima é: “minha vida é como a sua, logo tranquilize-se, estamos todos na banalidade do cotidiano”. (LEMOS, 2002, p. 12).

³ É o novo meio de comunicação que surge da interconexão mundial dos computadores. O termo especifica não apenas a infra-estrutura material da comunicação digital, mas também o universo oceânico de informações que ela abriga, assim como os seres humanos que navegam e alimentam esse universo (LEVY, 1999. p. 17).

Acerca disso, Sibilia (2003, p. 6) defende que essa condição suscitada por meio das redes sociais gera uma relação de estreiteza entre os envolvidos, o que pode ser identificado mesmo que os atores não se conheçam fora do ambiente online. Ela alega que, por isso, há uma grande tentação em compreender as "novas modalidades de auto-reflexão, de expressão e de comunicação escrita", ou seja, "o ressurgimento da antiga prática introspectiva de exploração e de conhecimento de si, porém adaptada ao contexto contemporâneo e aproveitando as possibilidades que as novas tecnologias oferecem".

A reflexão da autora corrobora com a dinâmica que perpassa as redes sociais da blogueira Nara Almeida, de 24 anos, que inicialmente usava seu perfil no Instagram para compartilhar dicas de moda. Seu reconhecimento significativo, porém, só começou em 10 de agosto de 2017, quando ela descobriu um câncer no estômago e passou a dividir a experiência com seus seguidores. A primeira publicação sobre o diagnóstico rendeu 117.055 curtidas e 6.120 comentários. No dia seguinte, a modelo postou uma foto da diferença estética do seu corpo antes e depois do processo de adoecimento; o material, apelativo em termos emocionais, sensibilizou milhares de internautas, o que a fez começar a crescer em termos de números de seguidores.

Em 11 de agosto de 2017, em um vídeo com o rosto nitidamente inchado em virtude de um choro intenso, Nara dividiu com os seguidores a notícia que seu câncer estava em estágio metastático, ou seja, já havia passado para outros órgãos. Ela também compartilhou o diagnóstico médico de que não havia mais possibilidade de cura da doença. A postagem foi uma das mais repercutidas da influenciadora (até 18 julho de 2018 o material havia rendido 10.099.941 visualizações e 72.773 comentários), o que a fez, dois dias depois (13/11/2017), atingir a marca de um milhão de seguidores.

A dimensão do alcance das postagens mais passíveis de sofrimento (ou sensibilização) – destacamos, aqui, as publicações com apelo emotivo da influenciadora, como fotos e/ou vídeos em Unidades de Terapia Intensiva (UTI) muitas vezes chorando e com legendas que retratam uma experiência de sofrimento – observadas em momento inicial de pesquisa exploratória, nos chamou atenção e nos inquietou para a escrita deste artigo, com o interesse de compreender a diferença da interpelação dos seguidores em fotos e/ou vídeos que: 1. Não caracterizam relato direto de sofrimento; 2. Caracterizam, visivelmente, experiências de dor.

Para melhor compreendermos a atmosfera criada pela manifestação desta experiência de dor – e o processo reflexivo que perpassa esta ação – optamos por analisar nosso objeto empírico a partir do conceito de estética.

A estética e a dor

O conceito de estética, hodiernamente, é perpassado por uma ideia de que a estética diz respeito à plasticidade, ou que ela é uma qualidade dos objetos. Isso porque a gênese destes estudos se deu no campo da arte (PICADO, 2015). O pensamento filosófico da antiguidade se desenvolveu a partir da preocupação de conhecer os componentes constitutivos da sociedade (NUNES, 2016). No entanto, apenas em Sócrates – que se debruçou sobre valores morais, governo e comportamento social, entre outros temas – se desenvolveu a primeira preocupação em compreender a “apreciação da arte”. A filosofia, segundo Nunes (2016), enveredou pelo caminho de indagações acerca da essência da pintura.

Sócrates, que discorria sobre todos os assuntos humanos, entrou, certa vez, no ateliê do pintor Parrásio, e a este perguntou o que a Pintura poderia representar. A pergunta de Sócrates era uma indagação filosófica acerca da essência da Pintura, que transportava para o domínio das artes a atitude interrogativa que já tinha sido assumida pelos filósofos gregos em relação às coisas e aos valores morais (NUNES, 2016, p. 9).

Dando seguimento às reflexões de Sócrates, Platão, seu discípulo, no livro *A República*, faz um diálogo acerca da relação entre Arte e Realidade. O pensamento de Platão, ainda segundo Benedito Nunes (2016) concluía, acerca da pintura e da escultura,

não só que essas artes estão muito abaixo da verdadeira Beleza que a inteligência humana se destina a conhecer, como também que, em comparação com os objetivos da ciência, é supérflua a atividade daqueles que pintam e esculpem, pois o que produzem é inconsistente e ilusório. Por outro lado, Platão observa que a Poesia e a Música exercem influência muito grande sobre os nossos estados de ânimo, e que afetam, positiva ou negativamente, o comportamento moral dos homens. (NUNES, 2016, p. 10).

As asserções de Platão suscitaram a necessidade de reflexão acerca da essência das obras pictóricas (e sua relação com a realidade) e a relação entre elas e a beleza⁴; com isso, o filósofo conseguiu transformar em problema a questão da essência e finalidade da arte. A problemática acerca da relação entre as obras e a beleza abriu pressupostos para o que, posteriormente, seria desenvolvido como *A Filosofia do Belo* – união teórica entre o Belo e a Arte, que se consolida a partir da interlocução entre esses dois ramos e a filosofia da Natureza. A Natureza, segundo as produções de Leonardo da Vinci, seria a fonte do Belo.

Falar-se-á, daí por diante, numa beleza natural, a que a arte tem que se sujeitar, e que, para ela transplantada, gera a beleza artística. Admitiu-se, já no século XVIII, que essa beleza natural está esparsa nas coisas, onde se oferece ao deleite do espírito, sobretudo por intermédio da vista e do ouvido. As obras de arte também proporcionam o mesmo deleite àqueles que sabem encontrar nelas as marcas universais do Belo (NUNES, 2016, p.11).

Partindo disto, a Filosofia da Arte dá os primeiros passos para a criação de uma ciência que tem como centralidade a apreciação da beleza nas obras de arte. O belo, para Shaftesbury (apud NUNES, 2016), não diz respeito às impressões visuais ou auditivas, mas se manifesta por intermédio delas “uma espécie de visão interior” (p. 13) – mais próximo do sentimento do que da razão, um “prazer do espírito” ligado à qualidade das impressões recebidas. Francis Hutcheson, um dos pioneiros da estética, afirma que “a Beleza reina onde quer que a percepção apreenda relações agradáveis, deixava bem [deixando] claro que o Belo é espiritual, mas que sua produção *depende da sensibilidade*” (apud NUNES, 2016, p. 14, grifo nosso). Esta perspectiva que liga o belo à sensibilidade, automaticamente conectando-o à percepção, foi utilizada por Alexander Gottlieb Baumgarten quando filosofia da arte era relegada à margem dos demais ramos da filosofia. Não obstante, para o autor, a “Beleza e seu reflexo nas artes representam uma espécie de conhecimento proporcional à nossa sensibilidade”.

⁴ Nunes também afirma a existência de uma terceira problemática que surge a partir da afirmação de Platão, que diz respeito aos efeitos morais e psicológicos da música e da poesia. No entanto, optamos por nos ater às duas primeiras problemáticas, uma vez que o diálogo entre a música e a poesia pouco colabora com nosso trabalho.

A estética é inaugurada por Baumgarten em seu ensaio *Estética ou Teoria das Artes Liberais* (1750);⁵ enquanto disciplina filosófica chegou a ser limitadamente discutida pelos teóricos da arte em meados do século XVIII, mas foi na *Crítica do Juízo* (1790), de Kant, que ela se estabeleceu e solidificou. A estética de kantiana é demarcada pelo estabelecimento da autonomia do domínio do Belo em sua *Crítica do Juízo*, ao admitir a existência de três modalidades de experiência: *cognoscitiva*, *prática*, e a que nos concerne: a experiência estética – que se fundamenta “na intuição ou no sentimento dos objetos que nos satisfazem, independentemente da natureza real que possuem” (NUNES, 2016, p. 15).

Ainda na esteira da experiência, Dewey (2010) descreve-a como um “memorial duradouro”; além de reconhecê-la, sem restrição, como o “resultado da interação entre uma criatura viva e algum aspecto do mundo que ela vive” (DEWEY, 2010).

O autor argumenta que os sujeitos vivem as experiências desde o pensamento, tendo a experiência do pensar sua própria qualidade estética, pois, para ele, nenhuma experiência constitui uma unidade, a menos que tenha qualidade estética. Dewey ainda dialoga as experiências com o enlace emotivo – nosso ponto principal do trabalho. De acordo a proposição do autor, “quando significativas, as emoções são qualidades de uma experiência complexa que se movimenta e se altera”. Para ele:

A experiência é afetiva, mas nela não existem coisas separadas, chamadas emoções. (...) Emoções ligam-se a acontecimentos e objetos em seus movimentos. Para se tornarem emocionais, precisam fazer parte de uma situação inclusiva e duradoura que envolva o interesse pelos objetos e por seus desfechos. (DEWEY, 2010, p. 120).

A dinâmica da experiência estética e emotiva desenvolvida pelo autor fundamenta, então, nosso objeto de pesquisa, no qual os seguidores passam a acompanhar ativamente as experiências da influenciadora e chegam a ser afetados por elas, como uma configuração de solidariedade e pertencimento à problemática compartilhada. Assim, o processo ultrapassa o eixo meramente contemplativo, pois envolve construções sociais e interacionais que, sobretudo, intensificam a experiência do real.

Um objeto é peculiar e predominantemente estético, gerando o prazer característico da percepção estética, quando os fatores determinantes

⁵ Estamos cientes que a concepção de beleza foi explorada pelos filósofos da antiguidade de diversas maneiras, no entanto optamos por focar o desenvolvimento da perspectiva kantiana.

de qualquer coisa que se possa chamar de experiência singular se elevam muito acima do limiar da percepção e se tornam manifestos por eles mesmos. (DEWEY, 2010, p. 140).

Assim, segundo o autor, para que possamos nos impregnar de uma matéria – objeto, assunto, conteúdo – primeiro temos de mergulhar nela. Dewey defende que, quando entramos em uma experiência estética de forma meramente passiva, ela nos domina e, por falta de atividade de resposta, não percebemos que nos pressiona. Com isso, para ele, há diferença em ter uma experiência no sentido pregnante e uma experiência estética e, por isso, “temos de reunir energia e colocá-la em um tom receptivo para absorver” (DEWEY, 2010).

As conceituações trabalhadas pelo autor, entretanto, têm como base a experiência estética na arte e, por isso, trabalhamos também, a fim de complementar o olhar sobre a estética experienciada no perfil da influenciadora digital, uma interlocução com a estética comunicacional a partir das inferências de Picado (2015).

À comunicabilidade do sensível concerne o domínio da experiência em seu diálogo com a dimensão afetiva e sensorial da sociabilidade. Esta correlação é demarcada por um longo caminho de

conceitos e uma inteira historicidade de discursos nas quais se relacionam as teorias estéticas, os fenômenos e processos comunicacionais, tudo isso embalado em um registro próprio do discurso filosófico da modernidade (PICADO, 2015, p. 153).

Para a compreensão da constituição epistemológica deste campo teórico, Picado (2015) advoga pela necessidade de reflexão acerca da discursividade estética que atravessa o campo comunicacional, de forma que nos permita perceber de que maneira a modernidade é fortemente marcada pela eclosão dos *media* na centralidade da experiência social⁶ e como um aspecto amplamente explorado pelas ciências sociais no século XX.

Embora esse fenômeno não seja exclusivo da obra de arte, podendo ocorrer, por exemplo, numa paisagem, que aparece num filme aos olhos do espectador, ele afeta a obra de arte em um núcleo especialmente sensível que não existe num objeto da natureza: sua autenticidade. A autenticidade de uma coisa é a quintessência de tudo

⁶ Desde a prensa de Guttemberg para a mundialização da leitura (que até então era mantida pela igreja) até a centralidade dos meios de comunicação no contexto das grandes guerras (largamente discutidos pela Escola de Frankfurt).

o que foi transmitido pela tradição, a partir de sua origem, desde sua duração material até o seu testemunho histórico. Como este depende da materialidade da obra, quando ela se esquivava do homem através da reprodução, também o testemunho se perde. Sem dúvida, só esse testemunho desaparece, mas o que desaparece com ele a autoridade da coisa, seu peso tradicional (BENJAMIN, 1955, s/ página).

Embora seja recorrentemente interpretada como uma manifestação purista que percebe a possibilidade de reprodutibilidade técnica como o algoz da perda da aura das obras de arte, a perspectiva de Benjamin elucidada, a partir do diálogo entre o produto e a técnica, a reprodutibilidade e a modificação da modalidade de sensibilidade que se fortalece nos termos desta modernidade. Ou seja, em um contexto de ampla reprodução, os produtos comunicativos interpelam os sujeitos de uma forma diferente daquela que a obra de arte o fazia no contexto histórico anterior.

No entanto, o diálogo entre a comunicação e a estética se firma em um contexto de observações que se debruçam sobre os padrões semânticos que atravessam os processos comunicacionais, assim como seu papel na construção da experiência social da atualidade

cada um destes aspectos, pode-se dizer, configura o espaço discursivo de certos campos disciplinares – como o das teorias da significação e da interpretação, mas também o de certas vertentes da reflexão filosófica contemporânea – que são necessariamente prévios e até mesmo transcendentais às dimensões propriamente técnicas da constituição da Comunicação mediatizada. Do ponto de vista de uma discursividade estética nas teorias da Comunicação, devemos partir do reconhecimento de que o tecido societário da cultura contemporânea consumiu este aspecto constitutivo da técnica na experiência comunitária de nossos dias (PICADO, 2015, p. 156)

Neste sentido, no cerne da comunicabilidade sensível se encontram as experiências afetivas que interpelam os sujeitos em comunicação, seus fundamentos emocionais e sensoriais (PICADO, 2015, p. 160) – seja face a face ou mediado por tecnologias.

Por esse motivo percebemos a estética da comunicação como uma chave teórica indispensável na análise de nosso objeto empírico: por não se tratar apenas de imagens aleatórias, mas da publicização de um processo de sofrimento que interpela a influenciadora digital e as pessoas que interagem no perfil em questão.

Diálogo entre o luto e o registro fotográfico

As novas configurações das redes sociais criam processos de exposição de assuntos, muitos normalmente pouco explorados no mundo *offline* – como o caso de interações com o luto, o adoecer e o processo de morte, experiências frequentemente visualizadas no perfil de Nara Almeida. Esse luto, a qual nos referimos, trata-se, na verdade, do que profissionais da saúde conceituam como “luto antecipatório”:

Fenômeno de características adaptativas que pode ser estudado isoladamente mas que faz parte de um processo sistêmico maior que é o luto propriamente dito. É aquele que ocorre antes da perda real e pode apresentar as mesmas características e sintomatologias do processo de enlutamento normal – o que ocorre após a morte (FONSECA, 2001, p. 1).

Para essa afirmação, partimos do pressuposto que a comoção em torno do Instagram da modelo começou antes mesmo de seu falecimento, em 21 de maio de 2018. Vale ressaltar, também, que em um intervalo de 24 horas após seu falecimento, Nara ainda ganhou 700 mil novos seguidores, passando de 3,7 milhões de seguidores para 4,4 milhões, o que demonstra uma ida ao perfil mesmo sem a possibilidade de novas atualizações. Autores como Bousso (et al. 2014) ponderam que perfis póstumos mantidos disponíveis servem como memorial a qual seguidores, ao sentirem saudade, podem recorrer. O pensamento justificaria, assim, o crescimento exponencial do número de seguidores da modelo mesmo após seu falecimento.

Ainda segundo Bousso (et. al 2014), as redes sociais, e suas novas ferramentas, “têm se tornado um espaço onde o enlutado pode dar voz a seu sofrimento” e, em casos de morte anunciada, esse processo inicia antes mesmo do perecer.

O enlutado utiliza-se da internet e encontra o conhecimento do seu luto nas interações *online*. Isso não significa que a dor é menor ou que a internet faz bem a todos os enlutados, mas pode atenuar a dor e ajudar na elaboração do sofrimento causado pela perda. Depende do uso e do significado que o usuário dá ao mundo virtual. (BOUSSO et al., 2014, p. 2).

Assim, a existência das interações na rede, tanto com o doente, como com aqueles que seguem, podem representar a busca por um reconhecimento recíproco

(HONNETH, 2003), visto que, após o processo de morte, uma espécie de solidão acaba por se formar entre os que acompanham o adoecer e as experiências de dor de quem seguem – transformando o processo, por vezes, em algo pessoal, mesmo que não possua qualquer relação fora do mundo virtual com o mesmo.

Esse reconhecimento recíproco ou reconhecimento intersubjetivo, ao qual Honneth faz referência, leva em consideração relações sociais firmadas durante toda a vida, onde a humanidade já nasce, intrinsecamente, com seus pressupostos relacionais de reciprocidade afetiva. Assim, para Honneth (2003), só é possível que aconteça a estima entre os indivíduos, e que esses compartilhem de um reconhecimento recíproco, quando eles possuem valores pessoais equivalentes ao do outro. Para o autor:

Um padrão de reconhecimento dessa espécie só é concebível de maneira adequada quando a existência de um horizonte de valores intersubjetivamente partilhado é introduzida como seu pressuposto; pois (...) só podem se estimar mutuamente como pessoas individualizadas sob a condição de partilharem a orientação pelos valores e objetivos que lhes sinalizam reciprocamente o significado ou a contribuição de suas propriedades pessoais para a vida do respectivo outro. (HONNETH, 2003, p. 199).

Tal pensamento se ancora às afirmações de Rodrigues (2006, p. 20), em Tabu da Morte, ao afirmar que os sujeitos se interligam e se conectam por sentimentos compartilhados, neste caso, o processo de luto. Segundo o autor “a morte, sob o ângulo humano, não é apenas a destruição de um estado físico e biológico. Ela é também a de um ser em relação, de um ser que interage”. Por isso, de acordo com Rodrigues (2006), o vazio da morte é sentido primeiro como um vazio interacional. Diante da nova dinâmica relacional do espaço digital, o sentimento de solidão, com o vazio das interações, pode se tornar ainda mais intenso ao levarmos em consideração que, em um perfil como o da Nara, que se tornou famoso após o diagnóstico do câncer, os seguidores já esperavam, dia após dia, atualizações compartilhadas acerca de sua saúde.

Assim, nesse processo, o consumo de fotos e vídeos publicados nos perfis ultrapassam um simples ato fisiológico e assume o envolvimento de traços emotivos, que abarcam a memória, a expectativa e a espera por novas notícias. Owens (2004), em “Posar”, dialoga com essa afirmação ao trabalhar a ideia de fotografia não como um mero registro, mas como um discurso, pressuposto que utilizamos ao realizar inferências sob o Instagram da modelo.

Discussão e resultados

Para realizarmos as inferências acerca da temática dialogada nesse artigo, utilizamos, como já exposto, o Instagram da modelo Nara Almeida como objeto de pesquisa. No perfil, selecionamos dois materiais com expressões sentimentais distintas que suscitaram interações emotivas. Partimos do pressuposto, como atribuído por Ricoeur (apud Almeida, 2014), que esses produtos imagéticos partem da “possibilidade de converter o indizível ou o invisível em formatos que possam ser transmitidos ou compartilhados” em busca da compreensão da temática abordada no perfil da modelo – o adoecimento oncológico.

No primeiro, Nara, em foto postada em 23 de agosto de 2017, conta aos seguidores, em texto em formato de relato e uma foto de sua barriga com curativo, sobre os resultados de sua cirurgia. Na publicação, ela deixa aos seguidores informações positivas sobre o processo cirúrgico a qual foi submetida, a partir da legenda:

Boas notícias! DEU TUDO CERTO!! Sai agora da cirurgia simples e os resultados foram positivos (amanhã já estarei em casa). Na segunda eles vão definir todo o meu tratamento! Estou muito feliz em saber que tenho chances de CURA, a doença não se espalhou pra outros órgãos. Não vejo a hora de começar esse tratamento. Já não sinto tantas dores e os enjoos tmb passaram! obrigada meus amores pelo carinho mais uma vez, estou mt feliz

O segundo, em vídeo publicado 11 de novembro de 2017, as notícias mudam de tom. Com imagens do rosto dela chorando e com uma sonda, ela expõe a legenda:

Hoje foi um dia triste pra mim. Recebi muitas notícias ruim e duras de se ouvir... foi como se tivesse atravessado uma bala no meu peito, senti dor, senti medo, muito medo! Fiquei angustiada, senti na pele o gosto amargo de quem está perdendo a vida. Por um segundo eu quis acreditar que aquilo tudo era brincadeira e que eu estava bem, porque no fundo é assim que eu me sinto! Enfim hoje os médicos me deram a confirmação de que meu caso se agravou, não tem mais possibilidades de cura o que me deixou totalmente sem chão. Mas mais uma vez eu repito pra vocês “É SÓ UMA FASE” tenho certeza que isso não será meu fim, acredito num futuro lindo pra mim, estou pronta pra enfrentar o que for. Se tenho medo de morrer? Tenho e muito, estou escutando todos os dias sobre essa possibilidade, mas mais uma vez eu repito “É SÓ UMA FASE” e vencerei quantas fases for necessárias pra evoluir como pessoa e aprender com tudo que essa doença tem me ensinado e me mostrado. Não é fácil, mas eu sou forte e tenho um

exército de pessoas de luz ao meu lado! Vocês não imaginam o quanto são essenciais na minha vida, no quanto cada msg tem me fortalecido nessa jornada, me sinto tão acolhida que não mais viver sem compartilhar as coisas com vcs. Mesmo as notícias não sendo tão boas sempre eu vou tá aqui gente, lutando por mim e por vcs que acreditam na minha história! Eu quero e vou fazer a diferença, eu vou vencer! Amém? “O choro durar uma noite, mas a alegria vem de manhã”.

Ambos materiais, ao suscitar interações e, especialmente, comoções emotivas, geraram milhares de cliques ao perfil. No primeiro, para sermos exatas, 63.885 pessoas curtiram e 2.084 comentaram. No segundo, por sua vez, o número foi exponencialmente maior: ao todo, o vídeo foi visualizado por 10.105.804 pessoas e rendeu 72.728 comentários.

Vemos, assim, ao realizarmos inferências por meio do embasamento obtido com os conceitos acima trabalhados, um enlace emotivo superior à postagem que reverbera uma expressão de sofrimento. Apesar de ambos materiais afetarem a experiência estética, emotiva e de dor dos seguidores, além de levantarem elevado número de interações, o segundo se mostrou potencialmente maior no quesito de repercussão.

Acreditamos que a temática da impossibilidade de cura, instrumentalizada pela mensagem imagética e orientada pela legenda, cria relações de pertencimento e comoção entre os seguidores que, ao acompanharem, passam a se sentir parte daquela dor. Assim há, como explicitado por L. Boltanski (1993 apud Almeida, 2014), uma prática de converter a dor individual em mudança – ou, em nosso caso, comoção – coletiva.

Almeida (2014) faz apontamentos sobre o processo da comoção causada por expressões de sofrimento e argumenta que “a imagem da “lágrima descendo do rosto” ou da “comoção dos familiares em um ritual fúnebre” mobiliza e convence do sofrimento causado”. Seguindo as perspectivas de A. Vincent-Buffault (1998), a autora ainda cita que:

Raros são aqueles que não ficam emocionados com as lágrimas de um outro, sendo difícil reter as lágrimas diante daquelas que são derramadas. Essa tendência a emocionar-se com a dor alheia provoca curiosos fenômenos de contágio (BUFFAULT apud ALMEIDA, 2014, p. 7).

Ainda nessa lógica, Boltanski (1993) aponta que tais fotografias são uma forma de articulação de uma “política de piedade”⁷, onde a visão do sofrimento do outro se transforma em um argumento para ações coletivas.

Dessa forma, consideramos que as imagens e legendas de Nara, principalmente as que refletem expressões de dor, acabam por suscitar uma comoção coletiva que parte, primeiramente, de uma experiência individual. O processo de identificação com a experiência e, principalmente, com a dor, acabam por se transformar em uma causa coletiva, que suscita interações e até pertencimento a dor do outro.

Das (apud Almeida, 2014) articula com essa ideia e ainda vai além. Em ponderações sobre a necessidade de o ser humano continuar trazendo às lembranças memórias dos que já morreram, ele sugere que a referida dinâmica trabalha as emoções, os discursos e as experiências na tentativa de combater o esquecimento e ausência dessas pessoas em sua vida.

Logo, acreditamos, seguindo o sentido atribuído por Honneth (2003), que esse interesse, além das particularidades conduzidas pelo processo de sofrimento invocado pela imagem e comoção social, suscitam o reconhecimento recíproco entre os seres envolvidos – mesmo àqueles que sequer se conhecem fora do ambiente online, dinâmica muito frequente nos tempos de redes sociais, o que acaba por convocar e gerar interações afetivas.

Considerações finais

Ao debruçar-nos sobre nosso objeto empírico, pudemos perceber que quanto pior o estado de saúde de Nara Almeida, maior as interações na publicação em questão. Tendo as fotos e as legendas como dispositivo que apresentam repetidas vezes seu estado de saúde, existe uma diferença significativa entre a reação de seus seguidores diante de sua melhora e a reação à publicação na qual ela fala sobre o estado de metástase.

Esta asserção elucida que, de fato, a interpelação pela experiência de dor da influenciadora digital afeta a maneira como seus seguidores se comportam no perfil

⁷ O termo utilizado pelo autor, originalmente “politique de la pitié” foi cunhado pela autora Hannah Arendt (1967) em “Essai sur la révolution” (1967), traduzido para português com o título “Sobre a revolução” (2011).

específico, e a maneira como eles interagem diante da expressão da dor: tendo a foto e legenda com expressão de dano suscitado um engajamento muito maior por parte de seus seguidores.

Por fim, demarcamos a necessidade de um aprofundamento – em outro estudo – da discussão levantada aqui, em vias de compreender o que perpassa essa ação de maior interação nas publicações que expressam maior sofrimento: se são atravessadas por motivações solidárias em relação à Nara, ou se por gramáticas morais que incentivam o simples desejo de acompanhar o processo de degeneração daquele sujeito vulnerável.

Referências

ALMEIDA, Aline Gama. **A fotografia como “lugar de memória” individual e coletiva dos familiares de vítimas de violência.** 2014.

BENJAMIN, Walter. **A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica,** 1955. Disponível em: <https://goo.gl/swEkiq>.

BOUSSO, F.; BOUSSO, R. S.; SANTOS, M. R.; RAMOS, R. S. Uma nova forma de luto: os efeitos da revolução tecnológica. *In: ComCiência (UNICAMP)*, v. 163, p. 1, 2014.

DEWEY, John. Ter uma experiência. *In: DEWEY, J. Arte como experiência.* São Paulo: Martins Fontes, 2010, p. 109-142.

FONSECA, JP. Luto antecipatório: as experiências familiares diante de uma morte anunciada [dissertação]. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica; 2001. Disponível em: <https://tede2.pucsp.br/handle/handle/15104>

HONNETH, Axel. **Luta por reconhecimento: a gramática moral dos conflitos sociais.** 1. ed. São Paulo: Editora 34, 2003.

LEMONS, André. A arte da vida: diários pessoais e webcams na Internet. Trabalho apresentado no GT Comunicação e Sociedade Tecnológica do X COMPÓS na Universidade Federal do Rio de Janeiro, de, v. 4, 2002.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura.** Tradução de Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Editora 34, 1999. 264 p.

NUNES, Benedito. **Introdução à filosofia da arte.** São Paulo: Edições Loyola, 2016.

OWENS, Craig. **Posar. Efecto real.** Debates posmodernos sobre fotografia, Barcelona, Gustavo Gili, 2004.

PICADO, Benjamim. Dos objetos da Comunicação à comunicabilidade sensível: experiência estética e epistemologia da Comunicação. *In: Intercom-Revista Brasileira de Ciências da Comunicação*, v. 38, n. 1, 2015.

RECUERO, Raquel. Comunidades virtuais em redes sociais na internet: uma proposta de estudo. *E-Compós*. 2005.

RODRIGUES, J. C. **Tabu da Morte**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2006.

SIBILIA, Paula. Os diários íntimos na internet e a crise da interioridade psicológica. **XI encontro da Compós**, 2003.